

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	24.º Anno — XXIV Volume — N.º 798	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	120	28 DE FEVEREIRO DE 1901	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

## CASAMENTO DA RAINHA DA HOLLANDA



S. M. A RAINHA GUILHERMINA E O DUQUE MECKLEMBURG-SCHWERIN



### CHRONICA OCCIDENTAL

Na ordem do dia está o Luciano das ratas. Melhor fóra dizer das ex-ratas, pois que rata que elle visse deixava de sel-o. Triste vida levou o homem. Dias e dias, de lanterna como Diogenes, brandindo o cacete com maior denodo que Alexandre a espada, na escurição pouco aromática dos canos, percorrendo to-

da essa cidade baixissima, eram por milheiros que se contavam os cadaveres que fazia.

Todas as manhãs os jornaes se referiam aos morticinios. A camara municipal pagava-lhe a virtem cada ratazana morta. O Luciano recebia um ordenado de primeiro official e era uma vida feliz que o homem levava. Quem se lembrasse de escrever a Luciana comporia talvez um poema soberbo. As ratazanas em pyramide formavam o pedestal, onde o grande raticida havia de passar à posteridade. Era um heroe prestimoso e digno de consideração. Trabalhou pela hygiene.

E vai d'ahi, demittiram-o! Mas bom patrono achou. pôde estar descansado. O sr. Ferreira d'Almeida, n'uma das ultimas

sessões da camara dos pares, depois de varias considerações sobre o alargamento da rua do Arsenal, vantagens que o governo teria em obter os navios da Mala Real para transporte de tropas, e local a preferir-se para os cemiterios, fez a apologia do matador de vinte e quatro mil e quatrocentas ratas, que passeavam pelos canos de Lisboa, lembrando que esse homem que, para melhor saude dos outros, deu cabo da propria saude, bem merecera um premio do estado.

E os pares todos, e nós com elles, dissémos apoiado ao sr. Ferreira d'Almeida.

E que nos boletins das camaras deu-nos muito na vista a questão do benemerito Luciano entre muitas da maior transcendencia, envolvida no mesmo artigo em que se elogiava o bello discurso do sr. Hintze em resposta ao leader da maioria e as propostas do sr. ministro da Fazenda.

Se variadissimo é o epitheto com que todas as emprezas de circo mimoseiam os seus espectaculos para chamar concorrência, que mais atrahente e variado querem então achar fóra da politica? Aqui sim, tudo se discute, d'ella surgem as maiores surpresas. Imposto predial, contribuições sumptuarias, concessões do ultramar, caso Calmon, ratazanas mortas, que bello programma!

Mas sabem afinal? O sr. Ferreira d'Almeida apresentando á camara o requerimento d'um humilde, que, alias, prestou serviços, tornou-se de véras sympathico e deu provas de um bom coração.

Deixem do meio de tantas discussões habilidosas, de projectos e emendas, em que os esgrimistas notaveis, a botes secretos de ha muito estudados, respondem com maior sciencia que a do Frade da *Bocca do Inferno*, deixem que, do meio de tanta embrulhada vistosa e de questões do maior alcance ou transcendencia, saia uma esmola luminosa para um desgraçado que a merece.

Muito se tem falado ultimamente de politica, que os casos que se tem tratado nas camaras são de véras importantes. Outro assumpto discutido foi o do Marquez de Soveral, ultimamente nomeado Conselheiro de Estado, dando razão á voz publica que, em seguida á morte do Conde de Valbom, logo indicou para substitui-lo no honroso logar o nome do nosso ministro em Londres.

Como os tempos mudam! Quem diria, ha dez annos, que assim havia de ser acceita sem relucancia a alliança ingleza? Um dos ultimos numeros d'um jornal illustrado francez, rememorando o odio que em 1890 se votava em Portugal á Inglaterra, publicava a phototypia d'um sobrescripto de que n'esse tempo fazia uso uma casa commercial portugueza e onde umas linhas impressas desfavoraveis á Gran Bretanha recommendavam não nos esquecermos do ultimatum. Não indo muito mais atraz que descompostura não davam os francezes na Russia, quando eram todos pela Polonia!... Como os tempos mudam!

Terriveis são as descomposturas que ficam. Os factos que lhes deram razão passam; mas se a descompostura é das boas, ai de quem as apanha!... Ai de José Agostinho descomposto por Bocaje, ai de nós que nos descompoz Lord Byron!

Por isso, por muito que aguçassemos os dentes e preparassemos o veneno dos nossos odios, tudo era pouco, por que muito mais duradouras que as nossas feridas hão de ser as paginas do *Child Harold*.

Para nossa consolação restam-nos as explicações que Garrett, immortal como Lord Byron, nos deixou do odio votado pelo poeta inglez ao

povo lusitano. Segundo o auctor das *Viagens na minha terra*, o pae da tremendissima satyra tinha certa parte do corpo muito dorida pela bota applicada a tempo por um portuguez pouco respeitador de poetas e, se não nos enganamos, d'animo pouco disposto a aturar madrigaes a pessoas de sua familia. Dahi o desenvolver da colera em verso contra os habitantes d'essas regiões encantadas, que se chamam Cintra, e de seus arredores.

Ora todo o inglez que hoje vem a Portugal corre logo a Cintra e lá relê ou relembra as paginas do *Child Harold*. A descripção é preciosa, é digna d'aquelle paraizo unico no mundo. O inglez por lá anda espalhando pela serra os seus *ahs!* caracteristicos de sua admiração official. Dá um olhar distraído ao palacio real, mette-se em carruagem ou monta n'um burro e vai estrada fóra até Setiaes, a Penha Verde, a Monserrate, raras vezes ate Collares, trepa até S. Pedro, trepa ainda até a Pena, desce aos Lagos, e vem, serpenteando pela encosta da serra, outra vez até ao hotel Lawrence. Dá razão com certeza a Lord Byron na descripção entusiastica que o poeta faz da serra de granito, toda sombreada pelos pinheiros, castanheiros, culmeiros e tilas gigantes. Dará razão ao poeta no que diz dos habitantes?

Não cremos. Um inglez, ha pouco fallecido, demonstrou pensar exactamente o contrario.

Em Cintra viveu os melhores annos da sua vida e em Cintra creou um dos mais bellos jardins da Europa, um dos rarissimos em que as plantas do norte, os fetos de Inglaterra, vicejam ao lado das mais lindas palmeiras tropicaes.

Francis Cook, Visconde de Monserrate, chefe d'uma das mais importantes casas commerciaes de Londres, era em Cintra que descansava das fadigas do seu labutar de negociante, tendo comprado a opulenta propriedade de Monserrate, notavel por sua excepcional formosura e por ter sido, durante annos, a morada do celebre William Beckford, que tão interessantes memorias deixou da sua estada em Portugal. Francis Cook morreu em Londres, com 86 annos de idade. Sua viuva é uma escriptora distincta, que muito auxiliou sempre seu marido nos muitos actos de verdadeiro cuidado, que tão queridos tornaram seus nomes em Portugal e Inglaterra.

Lady Cook tem dedicado toda a sua intelligencia á causa da emancipação feminina e desde muito nova, na America do Norte, d'onde é natural, tornou seu nome conhecidissimo.

Em certos trabalhos, que d'antes eram quasi privilegio dos homens, vão-se as mulheres mostrando notaveis e tanto que se tornaram dignas das recompensas que só ao sexo feio pertenciam. Assim foi que El-rei, ha dias, concedeu a duas senhoras portuguezas, factos sem precedentes, o officialato de S. Thiago. Uma joia sempre fica melhor ao peito d'uma senhora, e com certeza as agraciadas mereciam, como entre nós muito poucos escriptores, a graça concedida. A sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia Vaz de Carvalho é conhecida de quantos em Portugal estimam as boas letras; são preciosos seus volumes e suas chronicas. A sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, pelas suas obras eruditas sobre philologia e velhos classicos portuguezes tem o seu nome ligado ao dos mais benemeritos trabalhadores das letras.

Tempo houve em que só escravos trabalhavam e citavam-se com espanto os nomes das mulheres que sabiam latim e dos principes que mais ou menos correctamente sabiam ler e escrever. Um sello sobre um pedaço de cera derretida era quanto lhes bastava.

Pois ha dias esteve em Lisboa um principe a quem, *si vera est fama*, alguma coisa devem os progressos da sciencia. No seu hiate veio de visita ao Tejo o Principe de Monaco, d'essa terra bemaventurada para os monaquenses, que não pagam contribuições e todos vivem á grande, melhor do que á franceza, dos rendimentos da batota.

Com certeza o Principe lançou um receoso olhar pera Cascaes, que muitos pensaram converter em verdadeiro rival de seu principado. Mas não; as roletas estão socegadas e apenas meia duzia de inconvertiveis batoteiros zombam das ordens do sr. Hintze, puxando ás escondidas, em trapelras escusas, o rabinho á sota.

O Principe de Monaco, entretanto, vai gosando a vida, fazendo seus descobrimentos nos oceanos, flora maritima e correntes, e em suas viagens de recreio bem se lembra que para augmento de sua lista civil, ha de sempre haver a essa hora meia duzia de inglezes a perderem umas libras no tapete verde da luxuosa casa de batota afamada. Feliz viagem a sua alteza.

Viagens de recreio!... Que differenças tambem por esses mares, onde talvez o hiate principesco encontrasse proximo da barra o navio que conduzia para o degredo o famoso medico, criminoso

repugnante, hoje desgraçado Urbino de Freitas! O que esse crime commoveu a população inteira de Portugal, a cada passo da policia, a cada documento junto ao processo, um dos mais volumosos que se têm julgado em tribunaes portuguezes!

Mas isso foi ha tantos annos, que já poucos se interessaram por ver o criminoso, que, no dizer de alguns jornaes, mostrava boa apparencia e até certa alegria.

Casos velhos! Na ordem do dia está agora a questão religiosa, em Portugal como Hespanha, motivada por casos quasi identicos, a malograda entrada para um convento de duas senhoras, contra vontade de suas familias. Em Madrid ha socego; no Porto ainda não por emquanto, dividindo-se muito nos dois paizes a opinião.

Hespanha e Portugal juntos mais uma vez se commoveram; hespanhoes e portuguezes mais uma vez se abraçaram agora no Porto e em Coimbra, por motivo da vinda da tuna compostellana ás duas cidades.

Festas e mais festas! Muito applauso, muita alegria! Muito vivorito aos estudantes gallegos, a que estes corresponderam com entusiasmo.

Mocidade! Recordaram-nos as noticias esses dias em que a cidade se encheu de luz, quando os estudantes de Coimbra aqui vieram ajudar a festa ao João de Deus. Que alegria por essas ruas! Que variedade de vivas! João de Deus era o rei da festa, mas os vivas eram para todos. Ao passarem por uma casa, onde no segundo andar estavam as criadas a ver a passagem, um estudante gritou:

— Viva o pessoal menor da casa!  
E foi uma explosão de applausos!  
Rapazes!

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### O CASAMENTO DA RAINHA DE HOLLANDA

Foi celebrado o casamento da rainha da Hollanda em Haya quinta feira 7 de fevereiro.

No mez d'outubro ultimo por uma proclamação official soube o povo hollandez que Sua Magestade a Rainha Guilhermina decidira casar com o duque Henrique, irmão do duque João regente de Meklembourg Schwerin.

Filha do fallecido rei Guilherme III e da rainha Emma, a nova soberana completou 20 annos em 31 de agosto e o duque Henrique 24 em 19 de abril ultimo.

Tenente do exercito allemão dos batalhões de caçadores e guarda prussianna, uma lei especial conferiu ao duque Henrique a naturalisação hollandez, tendo tambem a seguir sido nomeado por decretos reaes datados de 30 de janeiro, contra almirante e general do exercito e marinha dos Paizes Baixos e Indias Neerlandezas seu novo paiz.

Precedido o casamento de manifestações de regosio pela côrte e por ella bem accete, contou tambem com a aprovação do povo bem manifestada por occasião dos passeios de carruagem dados nos arredores d'Haya pela rainha acompanhada de sua mãe e noivo que foi alvo das maiores manifestações d'apreço e sympathia.

### CASAMENTO DA PRINCEZA DAS ASTURIAS

No dia 15 do corrente celebrou-se, pomposamente, na corte de Madrid, o casamento da Princesa das Asturias com seu primo o Infante Don Carlos de Borbón y Borbón.

Casamento de amor, mas que nem por isso deixou de preocupar a politica do visinho reino, onde o partido liberal viu um perigo para as instituições, o que chegou a exaltar os animos e a ordem publica.

Felizmente tudo serenou e, á proporção que se approximavam as festas do casamento, o espirito publico foi-se acalmando, realisando-se essas festas no meio do entusiasmo peninsular.

A princeza das Asturias, Maria Mercedes é a filha primogenita do malogrado rei Don Afonso XII e da actual Rainha D. Christina.

O Infante Don Carlos de Borbón y Borbón é filho do Conde de Caserta Afonso e da princeza Antonieta de Borbon-Scicilia, e sobrinho do desthronado rei D. Francisco II de Napoles. Neto de D. Fernando II das Duas Scicilias, que era irmão

da Rainha Maria Christina, bisavô da actual Princesa das Asturias.

O Infante Don Carlos de Borbón seguiu a carreira militar em Hespanha, sendo alumno da Academia de Artilharia e passando depois ao Corpo de Estado Maior onde tem o posto de coronel.

El-rei D. Carlos fez-se representar n'este casamento pelo sr. Conde de Macedo, tendo para esse effeito recebido as credencias de embaixador especial, fazendo parte da embaixada os srs. contra-almirante Rio de Carvalho e general Craveiro Lopes, tendo por ajudantes d'ordens os srs. Valle, primeiro tenente da armada e Soveral, capitão de artilharia.

### MONUMENTO A CANOVAS DEL CASTILLO

A Hespanha celebrou com uma festa patriótica e levantada o primeiro dia d'este seculo, inaugurando um monumento a um dos seus filhos mais prestantes e notaveis, Canovas del Castillo.

O grande estadista, historiador e tribuno hespanhol, o restaurador da monarchia Borbonica na Hespanha, teve a homenagem dos seus contemporaneos e da realza, pois que o monumento foi feito por subscrição publica, e inaugurado pela Rainha Regente que, por suas regias mãos descerrou as cortinas que encobriam a estatua.

O monumento ergue-se na praça do Senado, e foi seu architecto o sr. Grasses, sendo auctor da estatua e da parte decorativa do monumento o esculptor Joaquim Bilbao.

O nome de Canovas del Castillo como o de Castellar são conhecidos em toda a Europa, e são tambem certamente dos mais gloriosos dos filhos da Hespanha.

### CONSELHEIRO DUARTE GUSTAVO

NOGUEIRA SOARES

Na ardua e bem espinhosa missão de archivar nomes illustres que se riscam d'entre o numero dos vivos, quasi desanimamos ante a pleiade de prestimosos compatriotas que em poucos dias a morte parece comprazer-se em arrebatar, arrancando-os ao carinho das familias, á estima dos amigos e á dôr d'um paiz inteiro, que vê desapparecer quem por elle tem pugnado, quem o tem servido com lealdade e rectidão e quem o tem levantado aos olhos do mundo tão pouco complacente.

E' hoje o nome illustre do conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares que passa ao rol dos mortos, tendo fallecido no dia 15 do corrente.

Nomeado para quasi todos os cargos diplomaticos em que o seu talento e saber eram imprescindiveis, teve occasião de mostrar o seu valor e de ser admirado como diplomata distincto, recto e leal, no Brazil em 1863, França 1866 e 1872, de onde passou a Londres, voltando a esta cidade em 1877, em passagem para Bombaim e Calcutá, Rio de Janeiro em 1886, e ultimamente como facto mais importante da sua carreira, nomeado para estudar e discutir a questão arbitral de Berne que representou mais um triumpho para a sua muito apreciada intelligencia e competencia em assumptos d'essa natureza, o que lhe valeu ser agraciado pelo governo de S. M. com a grã cruz de Christo e a tenção formulada de o elevar ao pariato.

Como jornalista foi collaborador da *Revolução de Setembro*, em que os seus artigos, de preferencia sobre assumptos economicos, eram muito apreciados e discutidos com Fradisco da Silveira e Betamio d'Almeida.

Collaborou tambem no *Commercio do Porto*, escrevendo uma serie de artigos sobre a politica commercial do paiz que foram muito apreciados e foram transcriptos pela *Gazeta de Portugal*, que tinha á sua frente Teixeira de Vasconcellos.

De accordo com Fradisco da Silveira e Betamio d'Almeida publicou um volume de cerca de 200 paginas intitulado: *A liberdade do Commercio e protecção das industrias*.

Era agraciado com a Grã cruz de Isabel a Catholica, de Hespanha, de Francisco José da Austria e de S. Gregorio Magno de Roma; Grande official da Legião d'Honra da França; commendador e cavalleiro de varias outras ordens.

### HENRIQUE MENDIA

Falleceu no dia 17 do corrente o professor do Instituto de Agronomia de Lisboa, Henrique Mendia.



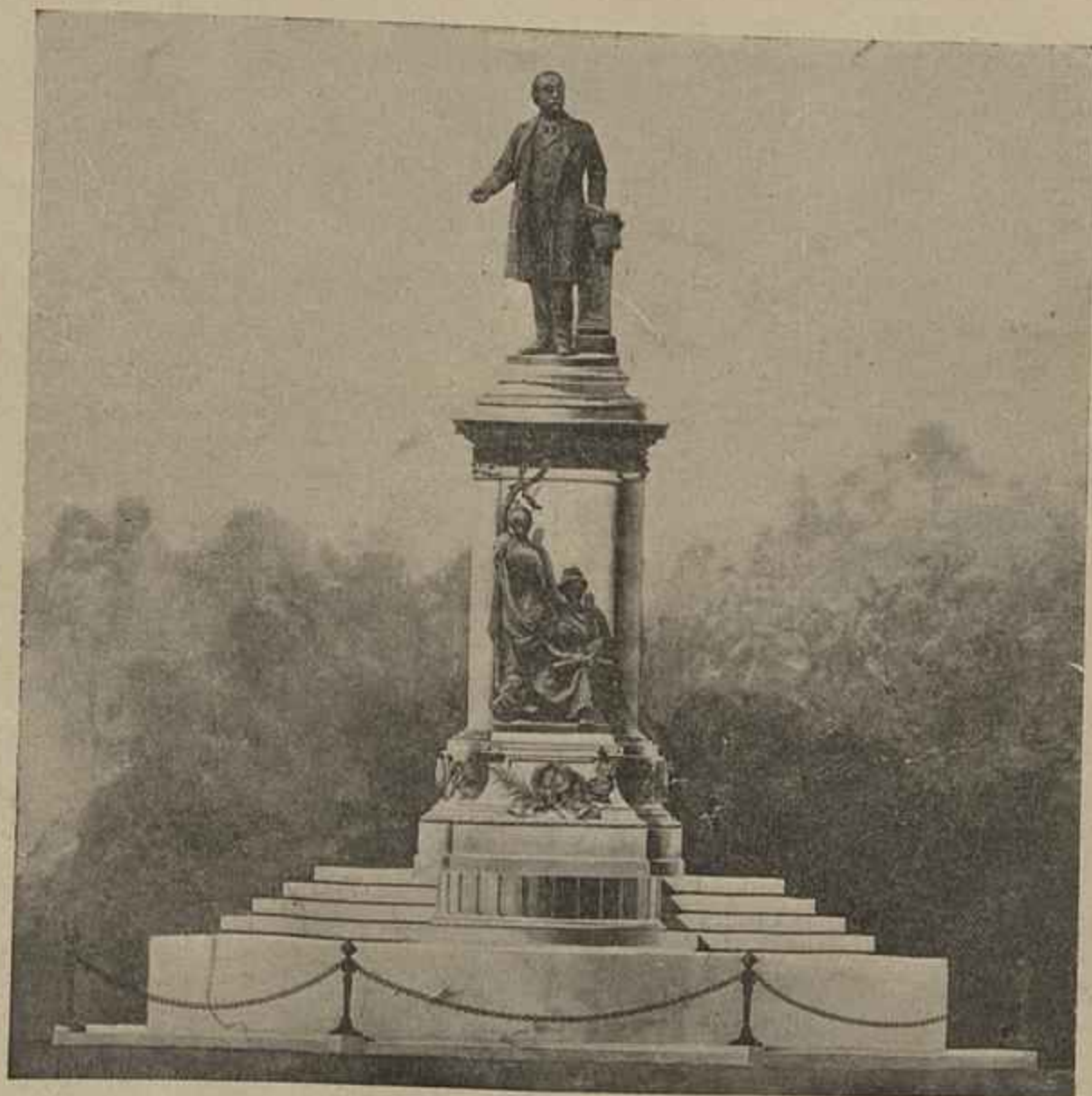
# Casamento da Princesa das Asturias



S. A. R. A PRINCEZA DAS ASTURIAS



S. A. O INFANTE DON CARLOS DE BORBÓN  
Y BORBÓN



MONUMENTO A CANOVAS DEL CASTILLO, NA PRAÇA DO SENADO, EM MADRID  
INAUGURADO EM 1 DE JANEIRO DE 1901



CONSELHEIRO DR. DUARTE GUSTAVO NOGUEIRA SOARES  
FALLECIDO EM 15 DO CORRENTE



HENRIQUE DE MENDIA  
FALLECIDO EM 17 DO CORRENTE

por Pacini, Bianca, Lamberti, Degenne, Méroles, Soldá, Ghidotti.

*Fra-Diavolo*, de Auber, em 22 de dezembro, por Van-Zandt, Prandi, Degenne, Bernis, Borucchia, Filippo Fraziosi, Soldá, Durini.

*Il Barbiere di Siviglia*, de Rossini, em 31 de dezembro, por Van-Zandt (e depois Pacini), Lamberti, Degenne, Battistini, Fraziosi, Soldá, Ghidotti.

*Lakmé*, de Léo Delibes, em 15 de janeiro de 1889, por Van Zandt, (e depois Pacini), Alice del Bruno, Degenne, Bernis, Borucchia, Durini.

*Crispino e la Comare*, dos irmãos Ricci, em 19

de janeiro, por Pacini, Lamberti, Paroli, Fraziosi, Wilmant, Durini, Soldá. Cantou Pacini a valsa *In-solita*, de Strakosch.

*I Capuletti e Montecchi*, de Bellini, em 1 de fevereiro de 1889, por Pasqua, Garagnani, Paroli, Durini e Soldá.

*D. Branca*, de Keil, em 5 de fevereiro, por Tetraxini, Bruno, Prandi, Bianca, Brogi, Battistini, Méroles, Ghidotti, Durini, Foresti.

*Hamlet*, de Ambroise Thomas, em 21 de fevereiro, por Pacini, Pasqua, Battistini, Borucchia, Paroli, Durini, Medini, Soldá, Ghidotti.

*Carmen*, de Bizet, em 8 de março, por Pasqua,

Garagnani, Del Bruno, Bianca, Fernando Valero, Wilmant, Borucchia, Paroli, Durini, Soldá.

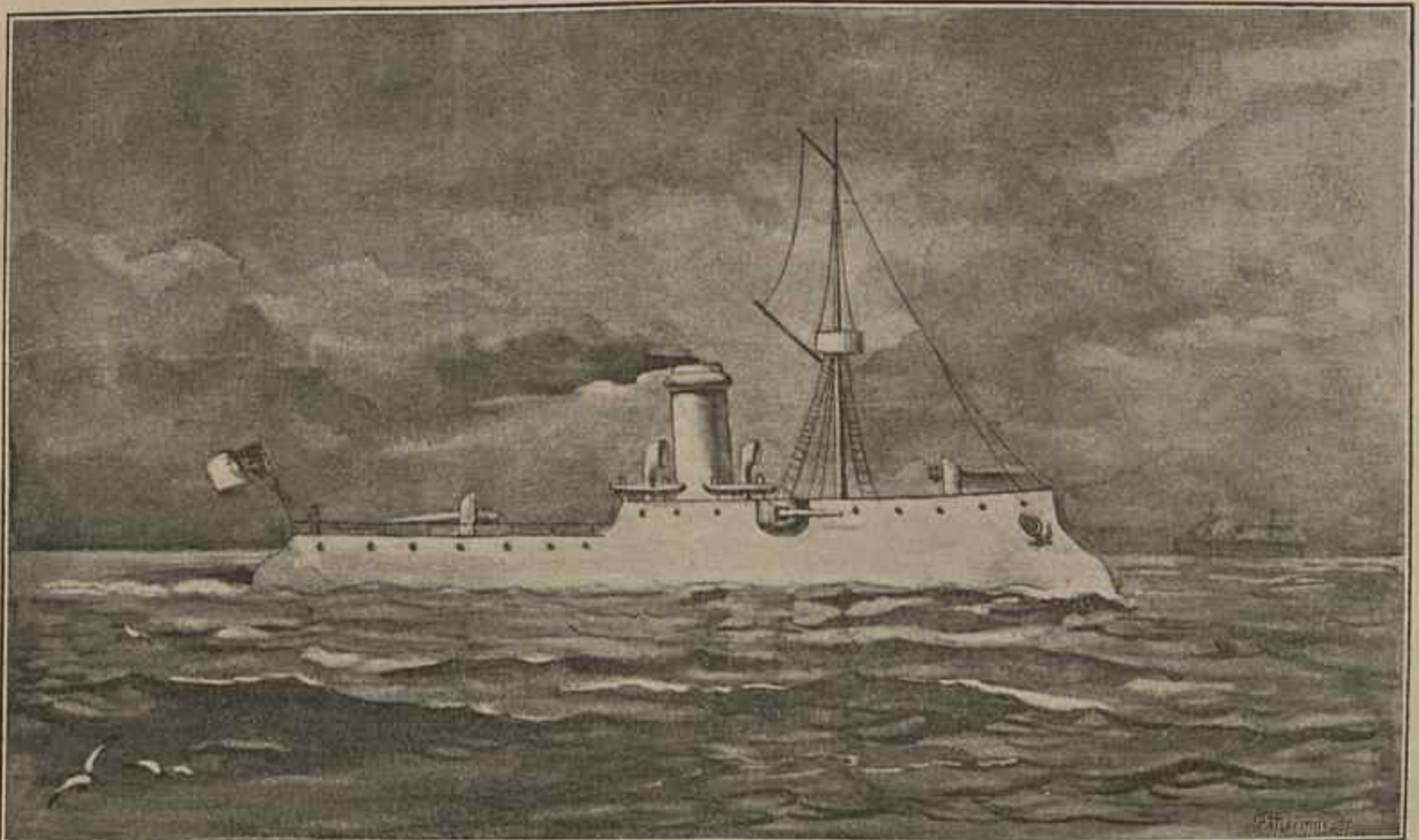
*Otello*, de Verdi, em 23 de março, por Tetraxini, Prandi, Brogi, Battistini, Paroli, Méroles, Durini, Soldá, Ghidotti.

*I pescatori di perle*, de Bizet, em 3 de abril, por Pacini, Valero, Borucchia, Soldá.

Subiram tres pequenos bailes á scena n'esta epocha:

*Divertissement*, de Felter, por Des Marais, Riva e corpo de baile em 13 de novembro de 1888.

*Novo divertissement*, idem, em 6 de fevereiro de 1889.



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O NOVO CRUZADOR «PATRIA»

*Dança carnavalesca*, idem, em 3 de março de 1889.

Houve 10 recitas extraordinarias em que cantou Maria Van-Zandt, com elevação de preços, os quaes foram os seguintes:

Friza, cada recita.....	15\$000
Gamarotes de 1.ª ordem.....	16\$000
"    "    2.ª    "    .....	9\$000
"    "    3.ª    "    .....	6\$000
Torrinhas.....	3\$600
Cadeiras da superior.....	2\$250
Geral.....	1\$200
Galerias.....	\$600
Varandas.....	\$400
Entrada.....	\$300

Os espectaculos d'estas recitas extraordinarias foram os seguintes:

- 1.ª recita em 10 de dezembro de 1888, opera *Mignon*, de Ambroise Thomas.
- 2.ª " em 14 de dezembro, opera *Dinorah*, de Meyerbeer.
- 3.ª " em 22 de dezembro, opera *Fra Diavolo*, de Auber. Cantou tambem Maria Van-Zandt o *bolero das Vesperas sicilianas*, de Verdi, e a valsa de *Giulietta e Romeo*, de Gounod.
- 4.ª " em 24 de dezembro, opera *Fra Diavolo*, de Auber. Cantou Van Zandt as valsas de *Dinorah* e de *Giulietta e Romeo*.
- 5.ª " em 31 de dezembro, opera *Il Barbiere di Siviglia*, de Rossini. Cantou Van-Zandt tambem a valsa *L'Éco*, de Eckert, e *Si vous n'avez rien à me dire* (bluette), de M<sup>me</sup> Rotschild, e valsa de *Giulietta e Romeo*.
- 6.ª " em 4 de janeiro de 1889, opera *Il Barbiere di Siviglia*. Cantou Van-Zandt *couplets de Mysoli* da opera *La perle du Brésil*, de Feicien David, e *Farfalla*, valsa de Etter Gelli.
- 7.ª " em 15 de janeiro de 1889, opera *Lakmé*, de Léo Delibes.
- 8.ª " em 18 de janeiro, opera *Lakmé*, e *divertissement*.
- 9.ª " em 24 de janeiro, idem.
- 10.ª " em 26 de janeiro, idem.

Cantou tambem a Van-Zandt em duas recitas de assignatura ordinaria, gratuitamente para os assignantes; na das recitas pares cantou a opera *Mignon*, e na das impares a opera *Lakmé*.

Em despedida cantou em mais uma recita extraordinaria, em 29 de janeiro de 1889: 2.ª acto da opera *Lakmé*, 2.ª acto da opera *Mignon*, 3.ª acto da opera *Il Barbiere di Siviglia*, *couplets de Mysoli* da opera *La perle du Brésil*, valsa de Augusto Machado. Terminou o espectáculo um *divertissement*.

(Continua) Francisco da Fonseca Benevides.

## QUESTÕES SOCIAES

(DA EDUCAÇÃO)

Diz-se, e merece fóros de máxima, que: «o que o berço dá a tumba o leva». Ninguém, ao ouvir pronunciar esta phrase de enunciado simples, deixa de compenetrar-se da sua verdade.

Assim como está hoje scientificamente demonstrada a transmissão pela hereditariedade de muitas molestias, egualmente a razão acceta sem relutancia que a má educação ministrada á infancia constitue doença de que mais tarde se enferma.

Se as terras não são adubadas convenientemente, torna-se difficil a germinação e desenvolvimento das plantas e até se nullifica.

Se as mães são fracas de corpo e enfesadas de espirito moralmente, transmitem no leite o virus deleterio e depois com o exemplo, são modelos pessimos para ensinamento.

E' nas primeiras idades que se formam as naturezas e os caracteres, como é mister conhecer as letras alphabeticas antes de emprehender leituras.

E' actualmente muito vulgar entre nós formular accusações contra o estado social do paiz, e elogiar constantemente tudo quanto adotam os estrangeiros. Isto indica-me claramente a disposição geral quasi, de procurar encobrir com discursos nem sempre apropriados, a falta d'acção e de iniciativa, bastante parenta da cobardia e a pouca distancia do vicio.

Que importa, de facto, apregoar as coisas boas de nações estranhas, quando se não é capaz de

abrir mão, em nossa casa, das que reconhecemos nocivas?

Se houvesse proposito firme e boa vontade de encaminhar melhor em Portugal a mocidade, ha muito já que teriamos visto começar por se corrigir a si proprios, muitos que só falam no mal, talvez para armarem ao effeito, mas que permanecem com os mesmos defeitos por elles notados aos outros.

A educação é o unico meio de alcançar o bem de cada individuo como de cada povo.

Ha porém uma differença: é que se ella fôr baseada em principios falsos e tiver como adeptos mentores pouco escrupulosos, a ruina é certissima e inevitavel.

Aos chefes de familia compete especialmente a direcção superior do lar domestico, e impõe-se a grave responsabilidade de guiar no caminho do bem os pequenos seres confiados por Deus á sua guarda.

É doce de ouvir o nome de pae, proferido por uns labiosinhos encantadores, n'uma linguagem ainda muito incerta e confusa; mas é preciso tambem não nos deixarmos enlevar nos gorgeios infantis dos filhos queridos, e não descuar a obrização sagrada e imperiosa de lhes preparar desde logo, pela pratica dos nossos actos, a escola mais sã de toda a existencia.

Não existe no mundo poder maior e menos venerator do que o do bom exemplo, como educador.

Aquelle que viver sempre no meio de pessoas morigeradas, caritativas, entregues ao trabalho; que em casa vir reinar entre seus paes harmonia completa e respeito mutuo e no exterior auxilio franco e amizade re-iproca, raramente sairá um mau homem ou um cidadão detestavel.

E como o podera ser se os seus olhos viram continuamente boas obras?

A historia ahi está, ampla de milhares de factos que aduzidos, testificariam a minha affirmação; mas, para que pedir ás suas paginas o convencimento d'aquillo a que bastam o simples raciocinio e a logica?

O amor excessivo do luxo, a falta de governo na vida intima, o vicio do jogo e da embriaguez são factores tremendos de decadencia e de definhamento nas raças, a cujo alastramento só pode oppôr-se com probabilidades de triumpho o brio e a energia da dignidade.

Os progressos brilhantes das civilizações adiantadas, os passos agigantados na evolução das sociedades, para terem valor real e indiscutivel, carecem de bases seguras e de solidos sustentaculos, e taes bases e sustentaculos só os dá uma boa educação preparatoria, seguida de administração séria por parte dos governos e dos dirigentes. Bem sei que a politica portugueza—pseudopolitica!—se incumbe de obstar as consequencias salutaras ultteriores que, sem as suas intrigas, viriam reflectir-se largamente no campo da actividade pelos bons filhos de paes exemplares; mas, ainda, haja energia e firmeza, porque tudo quanto é vil e imundo nos meios e processos artificiosos dos partidos militantes não logrará resistir a luz da verdade, em que não ha intermittencias de menos franqueza nem de menos lealdade.

Um dos males nossos nos tempos que vão decorrendo é a tibieza e pouca intensidade no sentimento religioso.

Nenhuma sociedade consegue permanecer forte por largos seculos sem crenças vigorosas e puras.

O homem a quem falta em absoluto a noção de Deus é tanto ou mais perigoso do que o rato que rompe a nuvem e perpassa em carreira vertiginosa. Apto para quanto representa um attentado se a sua indole é perversa, trilhando na vida a senda do crime, ainda depois da morte fica sendo opprobrio e vergonha eterna da familia.

O Evangelho encerra thesouros sem cessar viciosos de verdade altissima e descobre segredos surprehendedentes ás almas piedosas que confiam na sua palavra e esperam a graça divina.

Onde quer que existam homens formando sociedade, se elles cuidarem da educação de seus filhos, habituando os a olhar o céu estrelado acima de suas frontesinhas, assegurar-lhes hão um futuro prospero e para suas consciencias no instante supremo do passamento, paz tranquillã.

Na quarta feira, 30 de dezembro de 1895, Baldomero Ibanez, réu condemnado á pena de morte, pronunciou estas palavras de alto valor dirigindo-se ao publico em Bilbao, Hespanha, já sobre o patibulo, momentos antes de ser executado:

«Que os paes eduquem bem os seus filhos, para que se não vejam em tão horrivel transe. Eu encontro-me aqui pelos meus vicios».

Confissão fundamentalmente nobre, testemunho authenticico de dignidade essencial da alma humana, semelhantes phrases são uma verdadeira au-

rorra de luz incontundivel remindo porventura diante de Deus a consciencia do infeliz sentenciado e revestindo a magestade e imponencia que transformam até mesmo a scena ignobil de supplicio n'um cadafalso infamante, em cathedra solemn de ensinamento precioso e em espelho magnifico para lição dos povos.

Registei as palavras de Ibanez para hora oportuna e hoje, que o nosso Portugal vae descendo a passos de gigante para o peiago aborrido da váza do crime e da immoralidade triumphantes é occasião de repetil-as entregando-as de novo á publicidade.

«Que os paes eduquem bem seus filhos, para que se não vejam em tão horrivel transe!» sim: a educação constitue o elemento de força primordial na vida psychologica da humanidade. Ao vir ao mundo somos positivamente um diamante em bruto.

Se não houver lapidario que se acerque da creança incutindo-lhe com doçura sanidades moraes no animo e acendendo-lhe a vontade na antipathia do mau, o homem em que mais tarde se tornara tal creança rarissimas vezes deixará de ser um typo hediondo nos vicios e per goso no proprio halito.

Pelo contrario, se as suas faculdades forem despertando lentamente no regaço honesto do amor puro maternal e na atmospherã insinuante dos exemplos de honra, habituando-se ao mesmo tempo a genuflectir com devoção religiosa, contar-se-ha na sociedade a que pertencer um ente mais digno de benção e de cotação intrinseca na utilidade suggestiva.

«Em duas azas o homem se levanta das coisas terrenas, isto é, a simplicidade e a pureza» — di-se o anonymo inimitavel que deu ao mundo aquella maravilha que se chama *Da Imitação de Christo*, e é no sentido de ministrar ás creanças os meios de possuil-as quando adultas que devem conduzir-se os educadores da infancia.

«O sagrado enthusiasmo da verdade e da virtude, escreveu F. Huet na obra philosophica *La Science de l'Esprit*, a aspiração ardente do Ideal, se soubessemos ligar estas coisas á sua origem, ellas patenteariam outras tantas faces do amor de Deus».

E logo na pagina seguinte continuou o notavel auctor: «O sentimento religioso pôde só por si desenvolver todo o poder do coração e communicar aos outros sentimentos alguma coisa de sua grandeza e de sua elevação».

E' pela religião que deve iniciar-se o ministerio educativo da infancia: a primeira palavra que seria mister que as creancinhas aprendessem a balbuciar fóra o nome de Deus, pae e mãe incomparavel, tão superior aos progenitores terrenos quanto o infinito e sobranceiro ao nada.

Um francez eminente, ha pouco arrebatado á sua patria e á civilização universal pela garra da morte, Jules Simon, cuja hombridade de character ninguem pôz em duvida e cujo saber profundo ninguem contestou, disse, a proposito d'uma discussão parlamentar na parte d'um capitulo de que é subtítulo *L'Ecole sans Dieu*: «Enfin, on déclarait officiellement du haut de la tribune que parler de Dieu, sans spécifier s'il s'agit du Dieu des chrétiens, ou de celui des juifs, ou de celui des mahometans, c'est commettre une équivoque, et que l'introduction de ce mot dans une loi est un danger public».

Oh! ceux qui parlaient ainsi ne s'y connaissaient pas en philosophie, c'est évident. Ils ne s'y connaissaient pas, non plus, en danger public».

Semelhante linguagem luminosa e perfeitamente comprehensivel e empolgante mostra bem que o finado ex-ministro da França não era d'aquelles politicos de quem se podesse afirmar como P. Lanfrey asseverou de Thiers no livro *Etudes et portraits politiques*: «Les affaires lui cachent l'humanité».

E justamente por se interessar pela causa da humanidade é que Jules Simon proclamava que se não abolisse do ensino das escolas o nome sublime da Divindade.

Elle queria que as creanças ao erguer os olhos para a abobada estrellada, soubessem solettrar em cada scintillação de astro o significado ineffavel da palavra Deus.

D'esta maneira intentava com civismo exemplar preparar a infancia nas aulas para que na idade responsavel antes preferisse alongar a vista para o Alto do que como o porco, ser baixa de vista e chafurdar na lama das tabernas e na orgia dos bordeis.

Guerra ás tabernas, dentro da legalidade e na esphera logica do bom senso! campanha intrançigante, sem treguas contra o luxo! são estas as formas unicas no processo philantropico de melhorar a sociedade.

Cabe n'este ponto immensa parte a acção hygienica dos governos e não menor influencia à intervenção sensata das iniciativas particulares.

«Le cabaret, ce pandémonium du travailleur dans les dernières couches de la société, como definiu magistralmente Ernest Vinet, le cabaret, cette source de crimes» é um reducto temível de perversão onde se anniquilam os ultimos sentimentos puros do desgraçado vicioso e de cujos antros putrefactos são arrojados cá para fóra o incendiario de clamador e truão, o assassino cobarde e o canalha.

O luxo é tambem fonte lidima para tudo isso, e é sarcasmo de ironias, ergastulo de miserias, final embriagante de virgens cujas flôres desbota, escancarando-lhes a porta lubrica do lupanar.

Que fracos governos os do meu paiz! que cabeças ocas as de tantos peralvilhos que para ahí ostentam suas proprias mulheres com jaez caro, á imitação de cavallos, despertando appetites condemnaveis e desafiando cubica infamante na sensualidade indigena!

Que pusillanidade, que contractos attentatorios do brio nacional, que ausencia de energia em tudo!

Faz lembrar aquelle quadro derradeiro de Balthazar nas scenas impudicas do indigno finalizar de Babilonia.

Ah! quão estamos carecendo da apparição libertadora d'um Cyrô varonil, que nos desse a educação do dever e fosse espelho salutar na gestão do bom exemplo!

D. Francisco de Noronha.

## O OUTOMNO DE 1900

Num artigo recente, publicado n'esta mesma revista, tinhamos indicado que o verão de 1900, em comparação com o normal, tinha sido de uma grande suavidade, rara do nosso clima.

Como continuação, vamos agora referir-nos ao outomno do mesmo anno, mencionando o que, n'elle, houve de importante a ser apontado.

Para methodo de exposição, especificaremos cada mez de per si, e indiquemos, em cada um d'elles, o que de notavel ha a considerar.

**Outubro.** — Como continuação do regimen iniciado nos fins de setembro, os primeiros dias de outubro foram caracterizados por um tempo abafado, mas de temperatura normal.

A partir de 7, porém, o vento rondou para NE, elevando-se a columna thermometrica, em 10, a 28°4 á sombra, com indícios de aproximação de trovoadas. No entanto, sobre a capital, apenas cahiram uns ligeiros chuviscos, mas sufficientes para attenuar o calor insupportavel que reinava na dias.

A baixa thermometrica começou a manifestar-se, primeiramente, de uma forma pouco notoria até ao dia 22; em seguida, rapidamente, na noite de 22 para 23. A maxima que em 22, attingira 19°0 era em 23, de 13°9. No dia seguinte, o thermometro accusava ás 9 horas da manhã, 8°0 acima de zero, sendo a minima de 6°3, a mais baixa conhecida n'este mez. E' por este facto que o mez de outubro de 1900 se tornou notavel.

Apoz um resfriamento tão subito, era de esperar uma alta igualmente sensível na columna thermometrica. Foi o que succedeu, attingindo a maxima em 30, 21°7 com vento do quadrante sueste.

**Novembro.** — Começou em 1, a quadra dos nevoeiros que nos não abandonou até 4. A partir d'este dia, o tempo conservou-se nublado, com pequenas chuvas e temperatura ideal. A partir de 17, porém, uma ventania forte do N fez baixar a temperatura a um nivel um pouco inferior á normal, começando em 23, os ventos de SW que nos trouxeram chuvas abundantes até ao fim do mez.

**Dezembro.** — Começou igualmente por nevoeiros intensissimos, como de ha muito tempo, não havia exemplo em Lisboa, chegando-se a não se vêr cousa alguma a um metro de distancia. Em virtude d'este facto, a altura thermometrica foi baixando, sendo, durante a semana de 9 a 16, as temperaturas minimas: Em 9 de 6°2, em 10 de 6°6, em 11 de 5°6, em 12 de 6°3, em 13 de 6°2, em 14 de 6°1, e em 15 de 6°8. Durante estes dias, a pressão manteve-se sempre alta. Desde 17, embora o vento soprasse do NE, começou o regimen chuvoso. Em 18, o pluviometro accusou 24mm,2 de agua. A temperatura, por este facto, elevou-se bastante.

As maximas foram, a partir de 22, as seguintes: Em 22 de 16°8, em 23 e 24 de 16°1, em 25 de

15°2, em 26 de 15°7, em 27 de 15°6, em 28 de 17°2, em 29 de 17°5, e em 30 de 15°7.

Eis um quadro resumindo as observações que durante o anno de 1900, foram realizadas no Observatorio de D. Luiz.

Mezes	Numero de dias				Quantidade de chuva	Numero de dias		Temperaturas extremas
	Bom tempo	Nublado	Chuva	Chuva		Relampagos	Trovoadas	
Janeiro	18	11	2	13	50mm,4	1	1	16°8 - 25°8
Fevereiro	7	18	2	25	152,7	1	1	17°9 - 25°6
Março	10	17	4	13	57,3	1	1	19°1 - 25°3
Abril	9	21	1	13	95,2	1	1	19°4 - 25°0
Maió	14	16	1	15	128,0	1	1	20°3 - 20°1
Junho	23	7	1	2	4,9	1	1	20°6 - 28°2
Julho	28	0	2	1	0,2	4	2	24°6 - 24°7
Agosto	27	1	3	1	46,2	1	1	20°9 - 24°7
Setembro	10	20	1	5	11,4	1	1	20°4 - 24°2
Outubro	14	17	1	14	20,0	1	1	20°4 - 20°3
Novembro	10	17	3	17	65,6	1	1	19°7 - 20°
Dezembro	13	13	5	19	73,3	1	1	17°5 - 25°0
Total	167	171	27	140	686mm,1	13	11	23°4,6 - 27°8

O numero de dias de chuvas foi de 140, superior á media (119) dos dias que annualmente chove em Lisboa; em compensação a quantidade de agua que cahiu (686mm,1) é inferior á media de 745mm,4, encontrada pelo distincto engenheiro sr. Gerard Pevy, que desenvolveidamente se occupou d'este assumpto.

Segundo o que o mesmo senhor nos indica, concluímos que, no anno de 1900, os dias de bom tempo e os de trovoadas foram igualmente superiores á media.

Em tudo quanto de notavel, mais nos apresenta o anno de 1900, a analyse do quadro que publicamos é sufficiente para nos o indicar.

30-1-901.

Antonio A. O. Machado.

## O SENHOR FRANCISCO

(RECORDAÇÕES DE 1848)

por

Ivan Turgeniev

(Concluido do numero antecedente)

Pouco tempo antes do dia 24 de fevereiro de 1848, parti para a Belgica, e foi em Bruxellas que tive noticia da revolução que de novo rebentára em França. Lembro-me de que houve um dia em que ninguém recebeu de Paris cartas nem jornaes. Os habitantes affluiram ás ruas e praças publicas, devorados por ansiosa expectativa. A 26 de fevereiro, pelas seis horas da manhã, estava eu ainda deitado, no hotel, mas não dormia. De subito, abre-se a porta de par em par, e grita alguém, em altos berros: «Temos a republica em França!» Suppondo não ter ouvido bem, salto da cama abaixo, e saio pela porta fóra. Pelo corredor ia de corrida um moço do hotel, abrindo as portas da esquerda e da direita e largando em cada quarto aquella exclamação fulminante. Decorrida meia hora, ja eu estava vestido e calçado, de malas feitas, e o caminho de ferro levava-me para Paris. Tinham levantado os carris na fronteira; tanto eu como os meus companheiros de viagem tivemos assás que trabalhar para ir até Douay n'um trem de aluguer. A' tardinha, chegámos a Pontoise, e d'alli não passámos, porque os carris tambem tinham sido arrancados nas immedições de Paris.

Não cabe aqui o repetir tudo quanto vi, ouvi e experimentei durante a viagem: lembro-me apenas de que n'uma estação, passou por nós, de escantilhão e com formidavel estampido, uma locomotiva, levando atrelado um unico vagon. Era um trem expresso que levava para o Norte o commissario da republica, «o cidadão Antony Trouet». A gente que o acompanhava agitava bandeiras tricolores, fazia immensa gritaria, e os empregados da estação, mudos de espanto, seguiam com a vista o enorme, o immenso catão do commissario, debruçado na portinhola e erguendo os braços com ar auctoritario. Involuntariamente, acudiram-me á memoria os annos de 1793 e 1794. Lembro-me ainda de que, no vagon em que eu me installára, ia tambem a demasiado notoria

madame Gordon, a qual, sem mais nem menos, entrou a pregar-nos um sermão sobre a urgencia que havia em recorrer ao «principe». O principe era o unico que tudo podia salvar; o principe era o homem designado pelo destino. A principio, ninguém a entendia, mas quando, por fim, preferiu o nome de Luiz Napoleão, todos á uma lhe voltaram costas, tomando-a por doida. E' comtudo, passaram-me pela ideia as palavras que eu ouvira ao senhor Francisco com referencia aos Bonapartes; cumprira-se o seu primeiro vaticinio! Antes de chegarmos a Pontoise, recordo-me de que houve um choque entre o nosso trem e outro que vinha em sentido contrario. Houve feridos; mas ninguém fez caso; o pensamento unico que a todos accudiu, foi o seguinte: Poder-se-ha seguir caminho? Assim que abalou o trem, os viajantes puzeram-se todos a discursar, a qual melhor. Todos, com excepção d'um velhito de cabellos brancos, o qual, desde a estação de Douay ia animado em um canto do vagon, e não cessava de repetir em voz baixa: «Esta tudo perdido, tudo perdido!»

Passarei por alto as commoções que á minha entrada em Paris me assaltaram assim que vi os cocares tricolores nos chapéus, nos bonés, e nas proprias taboletas; depois, homens de blusa derrubando barricadas, de espingarda a tiracolo e entoando a *Marselheza*. Passei todo aquelle dia como que em continua vertigem. No dia seguinte, segundo tinha por costume, fui almoçar ao Palais-Royal. Não encontrei o senhor Francisco; tive, porém, occasião de verificar que o seu presentimento, ao annunciar que haveria sangue derramado na visinhança, se realisára. É sabido que o unico combate sério dos dias de fevereiro teve por theatro a praça do Palais-Royal. Nos dias immediatos nem rastos do senhor Francisco. A primeira vez que o avistei foi a 17 de março, no mesmo dia em que uma immensa chusma de operarios foi á Casa da Camara, afim de protestar contra a manifestação que ficou conhecida pela designação — «das barretinas de pelles».

A badalar com os braços, e dando grandes pernadas, muito agil e lampeiro, elle lá ia, marchando de cambulhada com a turba-multa, e arvorando no chapéu cocar vermelho. Cruzaram-se os nossos olhares; fez que me não conhecia, comquanto se voltasse para mim, como que em ar de bravata: — «Sim senhor, sou eu» — parecia dizer-me, e entrou a berrar escancarando muito a cavernosa bocca.

A outra vez que o vi foi ao theatro — Cantou a Rachel a *Marselheza*, com aquella sua voz sepulcral. Estava elle na plateia, na zona em que costuma sentar-se a *claque*. Naquelle occasião não gritava nem applaudia. Cruzado os braços sobre o peito, mirava a cantora com attenção feroz, quando, esta, envolta nas pregas do estandarte, encitava os cidadãos a «derramar um sangue impuro».

Não posso affirmar com certeza se tornei, ou não, a ver o senhor Francisco; no dia 15 de maio, por entre as ondas do povinho que atravessou a praça da Magdalena para ir invadir a camara dos representantes. Estou quasi em dizer que conheci aquella voz tão singular, a um tempo abafada, e retumbante, entre os brados de «viva a Polonia!» Nos primeiros dias de junho, eis, porém, que de subito, me surge na frente o senhor Francisco, no tal café do Palais-Royal. Saudou-me; estendeu-me até a mão, coisa que até ali nunca tinha feito; mas não se assentou á minha meza, como que envergonhado por causa do casaco, o qual effectivamente cahia a pedaços e do chapéu scoxichado. Parecia devoral-o uma especie de impaciencia inquieta; tinha as faces ainda mais lividas, léves convulsões lhe percorriam os labios e todo o rosto; os olhos, vermelhos, desapareciam por detraz dos oculos, que elle estava continuamente a fixar no nariz, com a mão muito aberta, como se quizerá esconder-se. Pude, então, convencer-me d'aquillo que eu já suspeitava. Os oculos tinham vidros sem grau, que para nada lhe serviam, a não ser, como se dissessemos, de mascara.

Uma anciedade triste, essa anciedade privativa dos vagabundos, sem pão e sem couro, lia-se em todo o seu ser. Espantava-me o aspecto miserando de tão enigmatica personagem. Se é accaso um agente, dizia, de mim para mim, a que attribuir tanta pobreza? Se o não é, como se explica a vida que leva?

Dispunha-me a recordar-lhe aquelles seus vaticinios.

— Sim, sim, murmurou com febril precipitação, isso tudo já pertence á historia.

Mas o senhor, não tenciona voltar outra vez para a sua Russia? Ou ficará ainda por cá?

— E porque não hei de ficar?

— Isso é lá com o senhor. Mas, não sabe que, d'aqui a nada, estamos lhe a fazer guerra.

A nós?

—Aos senhores, sim:—Precisamos de glória, de muita glória. A guerra com a Rússia é inevitável.

—Com a Rússia? E porque não hade ser com qualquer outra nação?

—Nada, nada, hade ser com a Rússia. O senhor está novo ainda, hade ver isso tudo. Quanto a república (e fez com a mão um gesto incisivo), está de cangalhas. —As officinas nacionaes, exclamou com subita animação, as officinas nacionaes! Já lá esteve, já as viu? E como elles, no pârque de Moncaux, acarretam a terra d'um lado para o outro?

E d'ahi é que tudo ha de vir!... E o sangue que hade custar!... um mar de sangue!—Que situação; prevér tudo, e não poder nada! não, ser coisa nenhuma! coisa nenhuma! Abraçar tudo (e afastou com gesto largo as mãos ambas, exhibindo as mangas rôtas e dependuradas,—e, comtudo, não se desfizera do anel de brazão: lá estava ainda enfiado no dedo) abraçar tudo e não apertar coisa nenhuma, coisa nenhuma... nem mesmo um bocado de pão!

Estavamos na vespera do dia 5 de junho.

«As eleições de amanhã, adduziu com precipitação, como se não quizesse deter-se com o pensamento préviamente enunciado, são também muito importantes.»

O senhor Francisco designou-me pelos respectivos nomes os deputados que viriam certamente a ser eleitos pelos parisienses. Chegou mesmo a indicar-me o numero aproximado de votos que recolheria cada um d'elles. Figurava entre esses nomes o de Caussidière, a quem o senhor Francisco concedia o primeiro lugar.

—Apesar do dia 5 de maio? perguntei.

O senhor Francisco soltou um amargo suspiro.

—Suppõe que o designo pelo facto de elle ter sido perfeito de policia?

Luiz Napoleão estava também incluído na lista.

—Esse vai na trazeira, observou o senhor Francisco; mas é quanto basta. Quando se sobe por uma escada, deve-se pôr o pé no ultimo degrau para chegar ao primeiro. Não tornei a ver o senhor Francisco desde essa occasião.

Ahi por 1850, tive que ir á egreja russa assistir ao casamento de um meu amigo. De repente, nem eu sei porquê, succedeu-me pensar no senhor Francisco. Accudiu-me desde logo á mente que, visto elle ter acertado com as outras profecias, não era muito para admirar que por mais uma vez fosse profeta; e, não pertencer effectivamente a este mundo. E d'ahi, decorridos alguns annos, tive occasião de convencer-me absolutamente da sua morte. Um dia, detraz do balcão de uma loja, avistei uma rapariga, a qual, apoz breve hesitação, reconheci ser a mesma que eu tinha visto, no jardim de Luxemburgo, em companhia do senhor Francisco, chorar bem amargamente. Decidi-me a recordar-lhe aquella scena. A principio, ficou toda assarapantada; mas, assim que percebeu do que era que se tratava, fez-se palida, e depois, subiu-lhe a côr ao rosto, e pediu-me que a não interrogasse a semelhante respeito.

—Sequer ao menos, lhe disse eu, diga-me: esse senhor está vivo ou morto?

A joven encarou muito comigo.

—Morreu — disse, afinal, e da morte que merecia. Era um mau homem... E d'ahi, era bem desgraçado, bem desgraçado.

Nada mais pude saber, — mas quem seria o tal senhor Francisco? A pergunta permaneceu no estado de enigma.

Ha umas certas aves maritimas que só apparecem durante a tempestade. Os inglezes dão-lhe o nome de *stormy petrels*. Vão: rasteiras nos ares turvos, tocando apenas com as azas as cristas das vagas furibundas, e desaparecem quando serena o tempo.

Haverá quem julgue encontrar n'esta breve narração vaticínios *a posteriori*. E' defeito que não

posso corrigir; affirmo, porém, que a personagem a qual me refiro existiu realmente e que lhe ouvi as palavras que aqui reproduzo.

Pin-Sel.



Recebemos e agradecemos:

Poema do lar — por J. Agostinho d'Oliveira — Com um preambulo de Gomes Leal e com o retrato do auctor — Editor — Antonio Figueirinhas — Porto — 1901.

Apresentando o poema, Gomes Leal dispensa



REI MILAN DA SERVIA — FALLECIDO EM 11 DO CORRENTE

ao auctor palavras de muito incitamento e que attestam o talento do poeta, affirmando a grandiosidade do assumpto escolhido — a familia.

O auctor — é elle proprio que o declara — surprehende-se n'um estado psychopatico de desalento, de irrealização do ideal, e n'uma familia typica, dois esposos talentosos e um filhinho gentil, vê a realização da familia, como ella deve ser para constituir uma patria sã a ajuntar-se a outras que produzam uma humanidade feliz e gloriosa.

No primeiro estadio da sua dolorosa concentração descreve o poeta os seus soffrimentos intimos e logo o optimismo da vida que o exemplo da felicidade alvejada lhe suggere; no segundo previne a creança dos perigos futuros; no terceiro insinua que só a mãe o pode dirigir e salvar sem escolhas; nos ultimos volta-se ao optimismo do primeiro estadio.

Com os seus *ante prelude* e *post-escriptum* o Poema do lar é uma formosa trilogia, o que explica de certo modo a sua tenue unidade na forma e no assumpto.

Os versos são magnificos e o cantor desfere as mais harmoniosas cordas da lyra humana. Não é um demolidor, felizmente, acendra o bem humano, a paz, a doce calma.

A edição é luxuosa e faz honra ás officinas da Typographia Universal, do Porto, d'onde sahuiu.

A Dama das Camélias por Alexandre Dumas, filho — Tradução de Antonio Bandeira — Editor Francisco Pastor — Lisboa.

Uma formosissima edição é a que temos presente. Nunca o conhecido romance A Dama das Camélias a teve mais aprimorada, nem mais luxuosa, por certo.

Este extraordinario romance tem fama consagrada em todos os paizes, ora no theatro posto em drama pelo mesmo auctor, ora nas multiplas edições. Pode considerar-se como o precursor dos modernos romances de coração. N'elle existe o mais suggestivo vulto de mulher apaixonada que a litteratura romantica conhece.

Não se chama, pois, a attenção para a obra litteraria, por demais apreciada entre nós, mas sim para a magnifica edição presente, feita no mais fino papel, com fundos artisticos, e a côres diversas em todas as paginas, com boas gravuras em madeira, e grande profusão de vinhetas, capa a côres, etc.

E sobretudo accrescem ainda a relativa modicidade do preço por que a obra é posta em assignatura, e a novidade da traducção, que, embora as houvesse já devidas a pennas auctorizadas, o editor julgou seu dever promover uma nova versão, que entregou aos cuidados de Antonio Bandeira, um nome vantajosamente conhecido em trabalhos congeneres.

Las aguas azoadas y el manantial nitrogenado de fuente amargosa en Tolox (Málaga) pelo dr. Arturo Daza de Campos — Madrid, 1900.

N'este volume trata o sr. dr. Daza de Campos de fazer uma monographia muito completa d'aquella estação thermal de Tolox, da qual tem a direcção clinica, obtida por concurso. No seu livro tomou por assumpto mais especialmente as aguas azoadas e o manantial nitrogenado alcalino, variedade ammoniacal da fonte amarga de Tolox, e amplia-o com innumerados dados sobre a descripção geographica, geologica, climatologica e aereographica, da flora e da fauna do lugar.

Além das respectivas analyses chimicas, faz o medico-director de Tolox um paralelo das nascentes nitrogenadas, discreteando sobre as suas accções physiologicas e therapeuticas.

Embora réclamo aquella estancia balnear da península, o trabalho de Daza de Campos é interessante e dá-nos a conhecer, pelo menos, a riqueza da região malagueza em aguas mineraes, em que predomina o azote, pondo-as em circumstancias eguaes de apreço ás que merecem as celebradas estações thermaes de *Cauterets*, *Monte Dore*, *Ems*, *Nevenahr* e *Gleichenberg*, *Soden*, *Salzbrun*, etc. que se indicam como de aguas azoadas.

## DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS

Obra unica no genero, indispensavel ao Commercio, á Industria, ás corporações diplomaticas e consulares, aos tabellães, escriptôres, e estudantes de todos os paizes, etc.

ABRANGE

Francez, Portuguez, Hespanhol, Italiano, Inglez e Allemão

Forma um só volume perfeitamente manuseavel e publica-se aos fasciculos de 16 paginas.

40 réis cada fasciculo pago á entrega

Para as provincias ás series de 5, 10 e 20 fasciculos, accrescendo o porte do correio.

Estão já publicados 73 fasciculos.

Assigna-se em todas as livrarias e na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — LISBOA

Enviem-se prospectos e specimen a quem os pedir.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.